



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. *Tahabu - Lisboa* • Telephone?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A OBRA DE "ELES,

SEM PÃO, SEM CRÉDITO E SEM VERGONHA

Não somos nós que o dizemos, mas o governo, pela boca do seu presidente: a situação que o país atravessa é das mais graves que podem pesar sobre um povo.

Mas o que o governo não diz, porque para tanto não tem os políticos coragem, é que o estado a que o país chegou deve-se não ao povo, que responsabilidade alguma tem na direcção dos negócios públicos—a não ser a da sua indiferença—mas a todos quantos tem passado pelas cadeiras do poder, que, mostrando-se fortes, com a ajuda das espingardas, para com os pequenos, não hão tido um acto de energia para as insaciáveis sangue-sugas da Finança, da Lavoura, do Comércio e da Indústria, a cuja usura se deve a actual situação, que mais crítica não pode ser para o consumidor—a eterna vítima.

Vem aí a catástrofe! Quem são os responsáveis? A quem cabem as culpas?

**As falas do presidente do ministério
não são falas francas, firmes, precisas**

**A burguesia levou-nos
à fome, à miséria extrema**

Já a geração passada gritava que o país estava perdido e que caminhavam a passos gigantescos para a ruína, para a bancarrota.

Fazendo degrau dessa situação desgraçada, os republicanos subiram aos palanques dos comícios e disseram ao povo que só dentro dum estado político mais avançado, estando que protegesse os verdadeiros interesses do povo, o país se salvaria. Era preciso fazer-se a república, que elas anunciam, em inflamados discursos, boa, humanitária, generosa.

Veo a república, E o estado caótico do país agravou-se cada vez mais. Em vez de olhar, aos interesses públicos, olhou-se aos interesses das clientelas, ao ganho dos capitalistas e às tramoias dos políticos. E se o país estava perdido no tempo da monarquia decadente, agora, ao fim de dez anos incompletos de república, debate-se com a fome, a carestia e a carência de tudo—até de carácter.

Quer tanto dizer que a monarquia servia melhor o povo do que a república? De forma alguma. O germão do mal é o mesmo. Tanto a monarquia como a república são regimes capitalistas que só a capitalistas servem devotadamente.

Simplemente os capitalistas dentro da república aproveitaram-se dum caudilho social que arruinou todos os povos, quer deles se regesssem por um regime monárquico, quer democrático. Esta calamidade foi desencadeada pelos estados capitalistas da Europa e visava um fim único: enriquecer até ao impossível a casta dominante—a burguesia.

Em todos os países se luta com dificuldades; por fôda a parte a fome é mais ou menos intensa. Em Portugal, porém, apesar de dizerem que possuí riquezas extraordinárias—e algumas possuí que não são aproveitadas, como o teatro demonstrado—a guerra fez sentir mais do que em qualquer outro país. Porque tudo era e é importado. No dia em que o crédito cessasse, Portugal morreria de fome.

A lavoura não produz e o comércio assombra

Essa dia chegou. Era fatal. Já não podemos importar carvão e não sabemos se o estrangeiro virá trigo que nos feste. E' problemática a sua vindia.

Este é o lastimável a que chegámos podia. Bastava que as riquezas exploradas do nosso solo fossem aproveitadas. Podemos produzir trigo, grão, feijão, carne, carvão, azeite, milho, cimento com farta. Porém, os lavradores recusam-se a cultivar as suas terras para que uma vasta produção não origine a baixa dos preços. Cultivam pouco, muito pouco, causam a fome para venderem por preços altíssimos os que cultivam. E quando essa pequena produção é ainda demasiada para poder originar a baixa, que mete nos cofres dos lavradores quantias estupendas, há outro processo que substitui a pouca produção sistemática: é o assentamento, a falta fictícia. Essa falta agrava a situação do povo, que reclama com que viver. Só ao fim de algum tempo, quando os gêneros começam a deteriorar-se, e a fata produz grande mal-estar ao povo, principiam então os capitalistas e lavradores a abastecer os mercados por pequenas doses—para que os preços não desçam.

A produção cada vez é menor, visto que a lavoura e o comércio, tem toda a conveniência em que haja pouco para vender por muito.

Assim chegámos a este estado miserável. Não possuímos nada para comer. Representa a importância de imensos, representando a importância de imensos pagos a todos os posses.

De quem é, porém, a culpa dessa calamidade? E' nossa, do povo trabalhador e consumidor? Foi o povo que deu tiro dinheiro, para satisfazer todas as ambições? E' o povo que o administra? No entanto, o Tesouro é do povo. Representa todos os seus sacrifícios, representa a importância de imensos pagos a todos os posses.

O nosso crédito, como nação, deve recuar; a emigração é constante, os políticos, de braço dado com os capitalistas, fecham os olhos a todos os povos, a todas as infâncias que sobre o povo se exercem. Não se fomenta riqueza; não há escolas agrícolas, nem industriais. Há liceus e universidades,

bou de nos arruinar; as suas despesas eram superiores às nossas forças. E, de facto, a parte alguma a Lavoura foi mais favorada." Se foi favorecida, porque não correspondeu a Lavoura aesses favores dispensados pelos governos?

A Lavoura tem sido sempre favorada. Tem-se permitido tudo. Ela tem conduzido impunemente o povo à fome, à miséria.

É para se castigar os erros da Lavoura deve-se confiar nela? Devem-se-lhe dispensar mais favores? Na opinião do sr. Granjo, deve, porque os governos não podem viver sem permitir a burguesia a impunidade dos seus robos?

O presidente de ministério promete proteção à Lavoura que nos rouba

A Lavoura, isto é, os detentores da terra, ainda não estão contentes. E como são as forças vivas da nação, porque as outras estão morrendo de fome, pedem proteção, coitadas!

O presidente de ministério promete-

lha: Disse a Lavoura, e com razão, que não tem quem a tranquilize neste momento, e que tem sido perseguida. E' certo; mas a gente que defende o seu direito, que não se basta defender-se. Em nome do governo, a me hora de presidir, faco aqui os protestos da mais firme resolução da proteção, e de proteger a sua acção e os seus interesses.

Isto é tudo quanto há de mais escandaloso.

Quais são as perseguições feitas à Lavoura? Já alguém viu os lavradores presos, meses e meses sem culpa formada? E' temido que sejam roubados pelas polícias, mortos a tiro pelas esquinas? Tem-se isto tudo. Sabemos-lhe, nós, que é isto.

Se se dissesse que o povo tem sido perseguido quando reclama pão, o pão que a Lavoura sonega, não se diria senão a verdade.

O povo não tem azeite por causa da Lavoura; não tem feijão, nem grão, por causa da Lavoura. Ainda por cima é mesmo povo que nada possuir, é perseguido, escorregado. Sofre os maus-tratos da polícia, quando pretende obter qualquer género, infilhando-se em impenitentes bichas.

E a Lavoura é que se queixa de ser perseguida! Enfim, que se queixa, estava bem. Seria mais uma farça a juntar a muitas outras. Mas que o presidente de ministério lhe promete ainda proteção, a ela que tudo tem, faz que o que bem entende, que engorda, enquanto, nós, emmagrecemos, é crime, é troca! E' demais!

Anatomia dum discurso

—A lavoura tem sido favorecida — sustentamos nós

Com a orientação do sr. António Granjo acerca do Comércio, Indústria e Agricultura—os três grandes povos—vê-se que já não conseguiram endireitar economia nacional.

Anatomizemos, entretanto, o discurso do presidente do ministério, para melhor mostrarmos quanto o nosso critério tem de razoável.

Diz o presidente do ministério:

O Tesouro está exausto, porque se fez no meu país, uma política de guerra única

Não é novidade o que o sr. Granjo disse. Há muito tempo que sabemos estar o Tesouro (e só por ironia) se lhe pode chamar tesouro) exausto.

De quem é, porém, a culpa dessa calamidade? E' nossa, da culpa dessa nação, de imprevidência, de ignorância, de avarice; a emigração é constante, os políticos, de braço dado com os capitalistas, fecham os olhos a todos os povos, a todas as infâncias que sobre o povo se exercem. Não se fomenta riqueza; não há escolas agrícolas, nem industriais. Há liceus e universidades,

que não paguem por quantias fabulosas.

Quem sofre com tudo isto? Quem padecerá o resultado das proteções?

Tendo na Flandres um exército maior que nos permitisse as nossas forças, o povo, unicamente o povo. Temos sido explorados? Mais o seremos de hoje em diante.

Já não temos carvão, nem banha, nem azeite, nem milho, nem trigo.

Aqui o sr. Granjo não foi hábil. Deixa transparecer grande parte da

verdade. Efectivamente a guerra

é que se cultiva é assamburado.

Asim chegámos a este estado miserável. Não possuímos nada para comer. Representa a importância de imensos, representando a importância de imensos pagos a todos os posses.

Tendo na Flandres um exército maior que nos permitisse as nossas forças, o povo, unicamente o povo. Temos sido explorados? Mais o seremos de hoje em diante.

Já não temos carvão, nem banha, nem azeite, nem milho, nem trigo.

Amanhã menos gêneros teremos. O

pouco que se cultiva é assamburado.

O povo tem suportado

A INCÚRIA GOVERNAMENTAL

5.000 TOLHADAS DE CARGA ESTACIONADA E combóios parados

Os ferroviários do Sul e Sueste reclamam a a imediata exploração da mina de carvão de Santa Suzana ou irão para a paralisação geral

Não tenha o governo palavras, mas obras!

Uma importante sessão em Faro

Defende-se a exploração da mina de Santa Suzana

FARO, 28.—C. — Pelas 21 horas reuniram em sessão magna os ferroviários do Sul e Sueste, no vasto teatro Cine do Barreiro, presidindo o camarada José de Freitas, secretário da Federação dos Ferroviários Tavares e Guerra. A sessão assistiram delegados dos ferroviários da C. P., que foram apresentados à assembleia, que os ovacionou longamente.

Foram lidas muitas credenciais da linha apoiando as deliberações da assembleia e propõendo a exploração da mina de Santa Suzana pelo Estado ou para a exploração da mina de carvão de Santa Suzana, realizaram, nesta cidade, os ferroviários do Sul e Sueste uma reunião pública, cuja concorrência demonstra o interesse que desperta no povo essa questão, pois a sala de sessões da União dos Sindicatos Operários se encontrava completamente repleta de pessoas de todas as classes sociais.

Aberta a sessão, uzaram da palavra vários oradores, demonstrando todos a necessidade e urgência da imediata exploração daquela mina, o que constitui a grave situação que se atravessa e do descalabro que nos espera, pois se as primeiras tem roubado e envenenado impunemente a população, os segundos tem sido cúmplices nesses crimes, visto terem consentido que elas se cometam, dando-lhes até o apoio da força armada, sempre que o povo, numa hora de desespero, tem procurado castigar os seus alugores.

O presidente do ministério não disse tudo. Foi até onde lhe convinha ir para obter um certo efeito político, estando disso convencidos. Mas o que ele agora não disse, talvez o venham todos a constatar num prazo relativamente curto.

Por fôr o camarada João Cavalheiro apresentou a moção que segue e que foi aprovada por unanimidade:

Considerando ser absolutamente indispensável a exploração imediata da mina de Santa Suzana;

Considerando que as experiências científicas e práticas deram o melhor dos resultados, recomendando-se ser superior a todo o resto o seu desenvolvimento, rivalizando com os países mais avançados da Europa;

Considerando que esse motivo o traçado dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste está quase paralisado, achando-se estacionadas em várias estações mais de cinco mil toneladas de carga;

Considerando que grande número de comboios de passageiros foram supridos, tendo havido dias que nem algumas regiões, nem o Algarve, apenas e garantida a circulação dos comboios 6 e 9;

Considerando que nos ferroviários se tem agravado fortemente a vida económica, nacional, contribuindo para o agravamento da carestia da vida, pela exaustão dos transportes de passageiros, que provoca o retardo das explorações;

Considerando que em Alcácer do Sal, na encosta do Vale de Figueira de Baixa, a vinte e cinco quilómetros daquela vila, existem 500 toneladas de carvão fossil, de óptima qualidade, igual ao carvão inglês, extraído da mina denominada de Santa Suzana, que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que os ferroviários se têm agravado devido ao desaparecimento do carvão e que a sua exploração é de grande importância para a vitalidade futura do país;

Considerando que os ferroviários se têm agravado devido ao desaparecimento do carvão e que a sua exploração é de grande importância para a vitalidade futura do país;

Considerando que os ferroviários se têm agravado devido ao desaparecimento do carvão e que a sua exploração é de grande importância para a vitalidade futura do país;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de Santa Suzana é a única que possui um rico e extenso filão de minérios;

Considerando que a mina de

NOTAS & COMENTARIOS

Diferenças... Somos informados que devem ser suspensoas hoje as obras na Escola Normal Primária de Benfica até que seja aprovado o orçamento do ministério da instrução, ou pelo menos votados duodécimos. Aquelas obras teem-se mantido até agora em consequência de atrasamentos na importância aproximada de 200 contos, feitos pelo ministério do trabalho ao da instrução.

Apostamos, porém, que o capitão-médico da guarda republicana sr. Gustavo Pitscheller, que foi nomeado para partir para Paris e Anvers a fim de adquirir instrumentos cirúrgicos para aquela corporação, não deixará de fazer muito bem oentem acentuado A Pátria, haverá ali excelentes catálogos de casas da especialidade, que se podem obter a troco dum simples postal, assim se dispensando canseiras e despesas, com que o país não pode.

Mas isto não ocorrerá aos grandes economistas... **Lucradores...** Diz-nos o nosso reporter da Arcada que o sr. ministro do comércio está se ocupando da forma de intensificar a produção de carvão nas várias minas do país, facilitando para esse fim a construção de vias de comunicação.

O pior é que as suas lucradores não passam de... lucradores.

As fórcas vivas Os jornais falam constantemente a falar nas fórcas vivas da nação. Enaltecem as suas qualidades. São uma espécie de papás da pátria. O primeiro passo dos governos é captar-las as simpatias. Nada se pode fazer sem elas, as fórcas vivas. Possuem uma atração maravilhosa, na qual bebem o seu poder ministros e militares, padres e deputados. As fórcas vivas da nação! Quem são elas? Se fazem esta pergunta, olham-nos de alto. Quando contamos que, na nossa opinião, as fórcas vivas são os trabalhadores, os que gastam a sua vida produzindo vida, irritam-se, metem-nos à cadeia, ou então dizem-nos, com o ar importante de quem fala de fórcas divinas, inegualáveis:

— As fórcas vivas são: o Comércio, a Indústria e a Lavoura! Cada comerciante é uma fórca colossal, cada industrial um Hércules e cada agricultor um... Sânscro!

São essas, pois, as fórcas vivas.

Então aquele taberneiro, ali da esquina, obeso, olhar que traduz estupidez, analabeto, envenenador da espécie humana, é uma fórca viva?

Pobre lavoura! O sr. Brito Camacho dizia fontem na Luta, em artigo de fundo, que ai estar da peca do trigo marcar dezoito vintens, já pelo norte andavam a comprá-lo a quarenta e a cinqüenta centavos. Não ignora também o sr. Camacho que esse trigo irá para Espanha ou será assambocado para depois o pagarmos por bom dinheiro.

Porque será que o sr. Camacho diz a seguir que a lavoura está produzindo em "condições extremamente onerosas"? E em que condições pagará o povo o pão para alimentar-se?

Nesta casa O sr. presidente do ministério, não se celebre discursando, no qual dizia que havia de proteger a lavoura, também contou histórias de viéges.

Contou que em Inglaterra, durante a confusão, era frequente ler-se nos vidros das janelas de casas ricas o seguinte letrado: "Nesta casa não se come pão para que o possam comer os soldados". Isto não impedia certamente que se comesse em bons bifes. Em seguida o sr. presidente dirige-se às fórcas vivas (á sabemos quais são) e pede-lhes sacrifícios, dizendo-lhes:

— É preciso pôr nas nossas janelas um letrado que diga: "Nesta casa não se come pão para que o comam os pobres!"

Pessoal do Vale do Vouga

O sr. ministro do comércio teve ontem nova conferência com o representante da Companhia do Caminho de Ferro do Vale do Vouga e com os srs. António Coelho Alves e Manuel Martins de Almeida, delegados do respectivo pessoal, acerca da solução do conflito suscitado entre este e a direção da companhia. Devido à interferência do sr. Veliúlio Correia, o pessoal retomou ontem o trabalho, tendo havido trégua de ambas partes, embora não conhecemos até à hora a que escrevemos até onde chegaram tais transições.

NO PORTO A greve dos metalúrgicos prossegue vitoriosa. Os industriais embicam com o Sindicato Único e os jovens sindicalistas — Perípicias

PORTO, 28.—C.—A greve dos metalúrgicos prossegue no seu avanço de conquista, tendo já aderido às pretensões do Sindicato Único (ramo de ferro) 50 e tantas casas, isto é, a maioria dos industriais.

Esta greve tem tido episódios interessantes, aos quais alguns patrões resistentes temem emprestado o seu cunho de imbecilidade. Primeiramente, na ocasião em que falavam com uma comissão operária, os industriais pretendiam subornar o camarada Inácio dos Santos Vizeu, cincelador e secretário geral do Conselho Técnico e de Melhoramentos. Trataram-no amavelmente, disseram-lhe muitas coisas bonitas, procurando ilaqueá-lo os seus camaradas, visto que, sendo novo, julgavam ser inexperto e pouco engranhado ainda nos princípios sindicalistas. Como quer, porém, que Santos Vizeu lhes fosse postasse sobremaneira, repelindo todos os embustes e hipocrisias, desfazendo os argumentos patronais, na segunda reunião um industrial, de nome Diniz Praça, mais conhecido pela alcunha de Sangueussa, presidente da comissão patronal, insurgiu-se coléricamente contra a desenvoltura de Vizeu, lamentando que os operários metalúrgicos precisassem de elementos estranhos para os vir defender. E' claro que de nada valeram as lições dadas àquele industrial sobre metalurgia, por que nenhuma não acreditando que um cincelador lida com metais e, portanto, pertence à indústria metalúrgica.

Augusto Ferreira, diz que, desta vez, tivermos de ir para a rua, é preciso agir com mais consciência que em 1918, aconselhando a união de todos os trabalhadores.

Júlio Cruz, afirma que o operariado é culpado da sua situação, pois não se defende como lhe compete e que os operários devem educar as suas companheiras para que elas tomem parte na luta social.

Verberando o despotismo das autoridades, foi aprovado o seguinte protesto:

Os manufaturadores de Calçado de Setúbal relatam os acontecimentos que ultimamente se deram naquela cidade, condenando a atitude dum parte do operariado dali, que não soube corresponder à dedicação dos que também se sacrificaram por ele.

Raul Baptista, delegado da U. S. O. lamenta que o operariado não tivesse procedido, como devia no movimento de Novembro de 1918. Ataca as juntas de paróquia pelo mau desempenho da distribuição do açúcar, trata da pessima aplicação que se tem dado aos níveis ex-alemães, encorajando o operariado a sair desta situação.

Augusto Ferreira, diz que, desta vez, tivermos de ir para a rua, é preciso agir com mais consciência que em 1918, aconselhando a união de todos os trabalhadores.

Júlio Cruz, afirma que o operariado

AS GREVES

Corticeiros de Belém

Continua sem solução a greve dos operários corticeiros da casa Paiva & Irmãos, Ld.

Apreciando a atitude dos industriais, que estão intratigados, resolvem a comissão que se façam subscrições por toda a área para auxiliar algumas camaradas, que ainda não encontraram trabalho noutras fábricas. Parece que a vitória está próxima em face da forma como os industriais se desculpam.

Ficou resolvido, como os industriais

non solucionem o conflito, formular novas reclamações, em virtude das que estão feitas não igualarem as de outros operários noutras fábricas.

Pessoal da Casa da Moeda

Mantém-se o movimento dêsse pessoal sempre com a mesma energia.

Do Comité da greve recebemos a seguinte nota:

Camaradas: o vosso Comité teve conhecimento pelas demarcações que a vossa Comissão ontem efectuou junto do Presidente do Ministério e do chefe do gabinete do sr. ministro das Finanças que tudo caminha para uma solução muito honrosa e para vosso conhecimento convida todo o ssoa a reunir hoje, pelas 13 horas, na travessa da Agua de Flôr, 33, 1.º — O Comité.

Chafeuses

Reimiram ontem, pelas 17 horas, os chafeuses de praça e aluguer, tendo resolvido que os chafeuses da Companhia de Carruagens Lisboenses reúnem-se, de modo a encerrarem o trabalho, visto o actual director ter accedido a metade das nossas reclamações, esperando-se a chegada do director gerente para solucionar definitivamente o conflito, pois é provisoriamente que o pessoal retorna ao trabalho.

A's 21 reuniu a classe em conjunto, tendo apreciado em geral a marcha do movimento, sendo entusiasmaticamente recebidas as adesões da Empresa de Transportes Mecânicos, Companhia União Fabril e Empresa de Luis Cardoso e Pinto L. A. Fazendo-se balanço das adesões até agora recebidas dos patrões de praça, apurou-se que são 31, estando à disposição na Associação de Classe para quem as queira consultar. A classe encontra-se entusiasmada com o bom resultado do movimento.

O Comité faz sciente à classe que a vitória está muito próxima. Firmeza e solidariedade!

Hoje reúnem os chafeuses de praça as 17 e em conjunto às 20 horas. Que todos os chafeuses compareçam.

Pessoal da Imprensa Nacional

A comissão delegada do pessoal que estive tratando junto do director da Imprensa Nacional da elaboração de uma proposta de criação de receitas para fazer face às reclamações do pessoal, concluiu ontem os seus trabalhos, tudo indicando que hoje mesmo essa proposta será entregue ao presidente do ministério.

Aprimó-se, pois, a solução do conflito, que fica dependente apenas da solução que sobre o assunto irá tomar do seu conselho de ministros.

A mesma comissão ontem conhecimento, por intermédio do director da Imprensa, de que no ministério da justiça havia dificuldades hoje no pagamento dos vencimentos dos funcionários, os respectivos recibos que são fornecidos pelo armazém de imprensa daquele estabelecimento.

Aprimó-se, pois, a solução do conflito, com o comité, ponderando as dificuldades que a falta dos aludidos recibos traria e no intuito de não criar, pela sua parte, quaisquer dificuldades, autorizou o chefe dos armazéns de imprensa a ir hoje à Imprensa Nacional satisfazer a respectiva requisição.

Pessoal do Vale do Vouga

O sr. ministro do comércio teve ontem nova conferência com o representante da Companhia do Caminho de Ferro do Vale do Vouga e com os srs. António Coelho Alves e Manuel Martins de Almeida, delegados do respectivo pessoal, acerca da solução do conflito suscitado entre este e a direção da companhia. Devido à interferência do sr. Veliúlio Correia, o pessoal retomou ontem o trabalho, tendo havido trégua de ambas partes, embora não conhecemos até à hora a que escrevemos até onde chegaram tais transições.

EM BEJA Operários Gráficos

Continua no mesmo pé o conflito há quatro semanas latente, entre os operários da indústria gráfica e os respectivos industriais mantendo-se aqueles confiados na vitória que lhes pertencem, tam justas sao as suas reclamações.

Aos colegas de Lisboa, que ainda

conservam em seu poder listas de auxílio áqueles camaradas, roga-se que as extreguem para não retardar o auxílio aos camaradas em greve.

A questão dos eléctricos

Como era fácil de prever, o conflito aberto entre a Companhia Carris de Ferro e o seu pessoal por um lado, e a Câmara Municipal e os patrões de outro, não teve grandeza, de que resultou ontem que não terem circulado carros eléctricos, pois tendo a Câmara resolvido manter as deliberações tomadas sobre a questão dos passos e restringir o aumento de salário que se fez pelo Laboratório de Higiene e que se fez pelo Laboratório de Pecúria, que seja manida a cláusula que dá como próprio para consumo o leite que tem 3% de gordura; que os fiscais sejam obrigados a fazer prova ao estabulo; que as leiteiras incursas no decreto 922 passem a ser julgadas pela lei de Julho.

Eis o que as leiteiras alegam, com ou sem razão...

EM BEJA

Operários Gráficos

Continua no mesmo pé o conflito há quatro semanas latente, entre os operários da indústria gráfica e os respectivos industriais mantendo-se aqueles confiados na vitória que lhes pertencem, tam justas sao as suas reclamações.

Aos colegas de Lisboa, que ainda

conservam em seu poder listas de auxílio áqueles camaradas, roga-se que as extreguem para não retardar o auxílio aos camaradas em greve.

Sindicatos do Sul organizam-se

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

As ferroviários do Sul organizam-se

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

As ferroviários do Sul organizam-se

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Beja, a secção do sindicato

Companhia de Papel de Gois

E inaugurada amanhã, em Be